

NOSSA SENHORA APARECIDA DE BALUGÃES

JULHO e AGOSTO - 1958

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO

Composto e impresso na
Tipografia «GIL VICENTE» - Barcelos

Senhora da Esperança

Ea esperança a grande virtude dos peregrinos. Sendo este mundo uma romagem para a Eternidade, é a esperança que nos arranca das mãos dos homens que falham e nos conduz a Deus, Bondade Fidelíssima.

Pelos caminhos tortuosos, semeados de pedras ponteadas, pelas estradas escaldantes e cobertas de densas nuvens de pó, pelas encostas escarpadas e duras como calvários, os peregrinos caminham entre dores e preces, de olhos postos no horizonte distante. Esperam que uma cruz austera de pedra rude rasgue o ar, indicando como termo feliz da jornada, a ermida humilde e centenária ou o santuário suntuoso e artístico.

Trazem no corpo sinais da dura romagem: lábios ressequidos, rosto macilento, coberto de pó e suor, membros cansados e enfraquecidos, pés gretados.

Rezam e cantam, suplicam e choram e, a cada passo no caminho, a esperança na alma recobra novo fulgor.

Em rosário vão desfiando suas orações e súplicas que, unidas ao sangue, tecem os mistérios dolorosos do peregrino.

Através de todas estas almas, perpassa, estuante de vida, uma corrente de sobrenatural onde distinguimos, pelo seu particular brilho, a virtude da esperança.

O peregrino vence distâncias, rompendo através de todas as dificuldades porque confiadamente espera.

PELO

Dr. Miguel Baptista Pereira

A chegada ao cume do monte é a realização do sonho da romagem. Então as dores e martírios da jornada florescem em rosas de alegria...

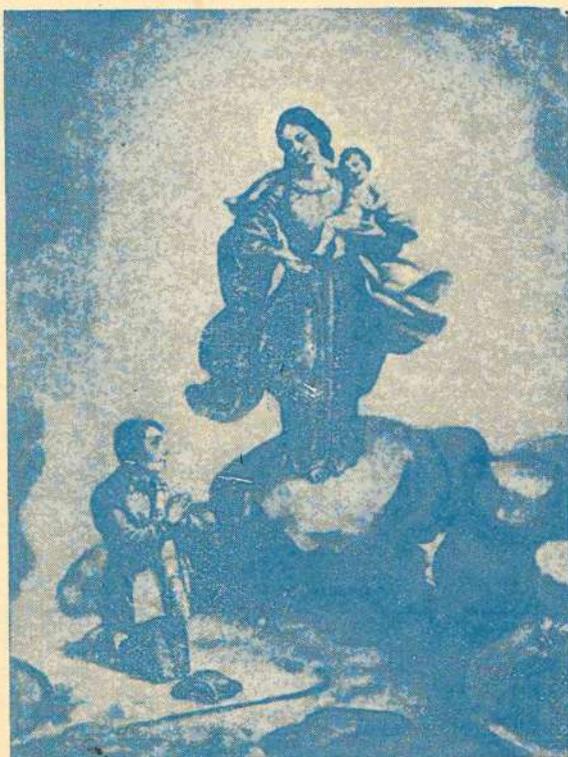
De todos os lados acorrem ao monte da Senhora da Aparecida grupos intermináveis de peregrinos. Arde-lhes na alma a chama de uma prece e vêm ao Monte da Senhora formular um pedido humilde. Diante de Maria há sempre esperança, não fosse ela a augusta Mãe de Deus e a clemente Mãe dos homens. O trabalho duro, o sofrimento cruel têm o condão de avivar na alma a fome do Bem e da Felicidade. Levados pela

mão de inúmeras e duras necessidades, vão os peregrinos à Senhora de todos os bens. Ela é a primeira a praticar as obras de misericórdia. Concedora profunda dos mistérios do coração humano, Ela sabe repartir pelos homens os tesouros da sua riqueza.

Por isso os peregrinos de Maria esperam sempre...

Como mendigos de Deus, os romeiros da Aparecida estendem a mão à Senhora, pedindo-lhe seu Divino Filho. É que a missão de Maria é dar Cristo à Humanidade. Conscientes desta verdade, os peregrinos pedem, pedem sempre...

Ao receberem neste mundo a Cristo, recebem a Esperança e a vida torna-se via láctea luminosa neste vale de lágrimas. Por isso, a Senhora do Menino Deus é verdadeiramente, para todo o homem peregrino Senhora da Esperança.



A IGREJA E A FAMÍLIA

O divórcio fomenta a corrupção dos costumes

*E*m verdade, é custoso ter necessidade de dizer quantas consequências funestíssimas encerra em si o divórcio. Pelo divórcio as alianças matrimoniais tornam-se instáveis, enfraquece-se o mútuo afecto, a infidelidade recebe perniciosos incitamentos, ficam comprometidas a protecção e a educação dos filhos, proporciona-se ocasião de se dissolverem as sociedades domésticas, semeiam-se nos seios das famílias, os germes da discórdia, diminui-se e abate-se a dignidade da mulher, porque corre o perigo de ser abandonada, depois de ter servido as paixões do homem.

E como nada contribui mais para arruinar as famílias e para enfraquecer os Estados do que a corrupção dos costumes, fácil é de reconhecer que o divórcio é, sobre tudo, o inimigo da prosperidade das famílias e dos povos, visto que sendo a consequência dos costumes depravados, abre a

porta, como a experiência o demonstra, a uma depravação, ainda mais profunda, dos costumes particulares e públicos.

Todos reconhecem que estes males serão ainda muito maiores, se reflectirem que, desde o momento em que o divórcio haja sido autorizado, não haverá freios bastantemente fortes para manter dentro de limites fixos, que a princípio pudessem ser-lhe assinados.

É muito grande a força do exemplo, mais ainda a das paixões; e, graças a estes incitamentos, forçosamente deve succeder que, tornando-se cada dia mais geral e profundo o desejo infrene do divórcio, invada maior número de almas, como uma doença que se propaga pelo contágio, ou à maneira das águas acumuladas que, tendo triunfado dos diques que as sustinham, irrompem por todas as partes.

Devotos de Nossa Senhora Aparecida

VIERAM satisfazer suas promessas a Nossa Senhora Aparecida:

Albino Dias de Brito, Gilmonde-Barcelos; António Gonçalves da Costa, o qual ofereceu uma vela da altura de sua filha Maria de Lourdes da Silva Gonçalves da Costa e sua esposa Rosa Cachada da Silva, a qual veio a pão e água, todos de Arcozelo-Barcelos; Clara de Azevedo Viana, Rosa de Azevedo Viana, Judith de Azevedo Viana, Basília de Azevedo Viana e Manuel de Azevedo Viana, todos de S. Paio d'Antas-Esposende; António Martins Afonso e Família, vinha acompanhado de um grupo de meninas, de Aguiar-Barcelos; Júlia de Freitas e Conceição Barbosa, da freguesia de Anha-Viana, as quais deram 3 v. de joelhos; Maria da Costa Santos, de Carapeços-Barcelos, aqui veio com uns romeiros; Miguel de Magalhães, com uns romeiros formado por netas, de Aborim; Josefina Rosa Pereira, de Quintiães, contou-nos a razão do cumprimentode sua promessa: estando seu marido no hospital

para ser operado, virou-se para Nossa Senhora Aparecida prometendo-lhe o que a sua devoção naquele momento lhe inspirou. E ó maravilha! — no dia imediato à promessa seu marido encontrase curado e vem-se embora. O que a medicina não pôde fazer, pôde-o a divina Enfermeira.

Engrácia da Conceição, Custódia da Silva Azevedo e Clementina Assunção de Oliveira, de Capareiros; José Martins Ferraz, deu 3 voltas de joelhos e vela da sua altura; António Felgueiras de Miranda, esposa e filhos, de Capareiros; Maria de Jesus Gonçalves e Germana Gonçalves, da Silva; Maria da Conceição da Silva, de Aldreu; Carminda da Costa Castelo, de Vitorino dos Piães; Gracinda Pereira, Dantas-Poiães; Laurentino Lourenço da Costa e esposa, de Ardegão; Maria Celeste Pereira da Rocha, Maria Branca Rodrigues da Cruz e Maria Aparecida, todos de Aldreu; Maria Carminda Gonçalves Matos, Graciliano Gonçalves, da Faixa; Rosa Angelina Gonçalves de Brito e Gracinda Gonçalves Correia, da Freguesia das Donas.

Cantinho dos Assinantes

Tiveram a gentileza em vir pagar a assinatura do Ecos de Nossa Senhora Aparecida, incrementando-se como benfeitores a Ex.^{ma} Snr.^a D. Balbina da Rosa Machado com 20\$00 e o Ex.^{mo} Senhor Avelino Vilas-Boas Neiva, ausente em França também com a quantia de 20\$00.

A todos o nosso reconhecimento.



Peditório do Ovo

A caridade do bom povo de Balugães continua a sua marcha compreensível e triunfante. Aqui deixamos mais uma lista das suas ofertas.

Foi-nos entregue pelas meninas Francisca da Silva Freitas, 50\$00; Maria de Oliveira Neiva, 30\$00; Ana Vicente, 19\$60 e Teresa F. de Sousa, 22\$90.

Que N. S. Aparecida a todos cubra com suas Bênçãos.

No dia 20 de Julho: Antónia Rodrigues Cruz, que veio de joelhos pelo escadório e completou mais 3 voltas à Capela; Maria Florinda Rodrigues Cruz, deu 3 voltas de joelhos à Capela; Irene da Natividade Alves Faria, deu também 3 voltas de joelhos à Capela, todos da Faixa; Constantino Afonso Fonte, Darque-Cais Novo; Deolinda Alves Coutinho e Abílio da R. Martins, Seara-Ponte de Lima; Arminda Vieira Antunes, Júlio Vieira Martins, Iria de Magalhães Vieira Martins, Ana Leitão da Silva, António Luís Mendes, Virgínia de Magalhães Vieira Antunes, Joaquim Pedro Antunes Mendes, António Antunes Mendes, Joaquim Vieira Antunes e João Luís Vieira Antunes, de Seara.

De Guilhabereu-Vila do Conde, aqui veio acompanhada do seu pároco Rev. P.^e José de Abreu Martins, uma excursão da A. C.; no dia 3 de Agosto: Emílio Martins de Sá, Rosa Alves de Sá e Maria Teresa Alves de Sá, Maria José e Almerinda de Sá, de Palme; Manuel Rodrigues da Silva, Alvarães; Henrique Vilas Boas Afonso, Albina Vilas Boas Martins e Cândido Martins Afonso, de S. Fins de Tamel; José Bernardino da Costa e Maria Martins de Sá, de Palme; Rosa Correia Gonçalves e José Gonçalves Marques, que aqui vieram trazer 5\$00 a Nossa Senhora, que lhe prometeu se ficasse bem no exame, ambos de S. Fins de Tamel.

Actividades Escutistas

SENDO o Escutismo Católico Português uma organização criada para desenvolver na juventude o amor a Deus e à Pátria, formando-lhe o carácter e despertando-lhe na alma a confiança em si mesma, incute-lhe a virtude de servir e amar, promovendo a sua educação moral e física segundo Baden Powell seu fundador.

Confiando-nos este grande chefe a nobre responsabilidade de trabalhar e servir, não podia o grupo 142 de Nossa Senhora Aparecida de Balugães, deixar de cumprir as ordens do grande chefe, porque o escuta é obediente.

Com a nomeação dos novos chefes, nasceu no grupo a vontade de trabalhar.

No dia 5 de Janeiro acompanhados do nosso assistente Padre Custódio Capela Braga, subimos ao alto monte Crasto, para aí mais à beirinha do Céu, pedirmos ao Chefe Divino, mais um ano de boa caça, terminando com um regional magusto.

No dia 23 de Fevereiro depois da nona Comunhão mensal, saímos em passeio de propaganda à risonha freguesia de Joane, para aí apresentar o nosso competente orfeão e levar a palco engraçadas comédias. Mas não terminamos aqui a nossa missão, pois no dia 9 de Março, depois da comunhão mensal, fizemos uma saída ao campo, o mesmo fazendo no mês de Abril, preparando-nos assim para as provas de 2.^a Classe e no dia 27 de Maio, tomamos parte no 1.^o Camporee de 1958, classificando-nos em 2.^o lugar.

No dia 15 de Junho realizou-se o 1.^o Rali Ciclo turístico, passando por Santa Luzia-Viana do Castelo, percorrendo um total de 63 km.. Todo ele decorreu com apuramento e espírito escutista.

No dia 6 de Julho organizou-se um bibac de preparação para promessa de novos escutas, que cheios de vontade e confiança, juraram junto de Jesus Sacramento, serem leais a Deus e à Pátria e proteger os fracos e oprimidos, sendo testemunhas deste acto as suas madrinhas, que lhe colocaram no ombro o chapéu que eles vão dignificar com o seu exemplo. Ei-los: lobitos, João Carvalhosa Pereira e Fernando

(Continua na pág. 7)

A Sociedade Cristã

(Continuação)

Há casos também, em que havendo uma vida preparativa verdadeiramente cristã, a vocação não seja a religiosa. A orientação cristã requer-se em toda e qualquer situação social, e não ao que se destina ao ministério sagrado. Toda a vocação sacerdotal requer uma educação esmeradamente cristã, mas nem todo o que é educado cristãmente, tem vocação sacerdotal. Exemplo bem claro temo-lo em Garret.

Este grande obreiro do romancismo, um dos maiores poetas portugueses, também foi seminarista, não chegando, porém, a ser sacerdote. Em todas as nossas acções devemos ser guiados pela nossa vontade livre, e não pela mentalidade alheia. O homem, como já foi dito, é um ser racional, livre, competindo-lhe a ele e não a outrem, o escolher e seguir a sua vocação.

Por ocasião das invasões francesas, Garret e sua família, deixou o Porto e foi viver com uma família, aliás nobre, nos Açores.

Encontra-se agora Garret entre pessoas ilustres, sábias, admiradoras formadas nas ciências clássicas. É natural que fossem educando aquela criança, comunicando-lhe seus conhecimentos e ideias. Assim nasceu um seminarista, como era vontade de família, e um fautor de gosto clássico. Este foi mais longe que Camilo. Chegou a receber ordens menores, e parece que até chegou a pregar um sermão na ilha Graciosa. Temos um sacerdote diríeis vós? Não, não temos. Esta rosa tratada num jardim tão mimoso, não floriu, como era de esperar. É que ele não tinha em si próprio a seiva necessária para corresponder a um fim tão desejado e nobre, apesar das canseiras e cuidados dos seus educadores. Esta vocação não floriu porque não era espontânea, mas violenta, pelo menos, em algum motivo. O sacerdote deve ser sacerdote por sua livre vontade, admitindo os conselhos de quem de direito e nunca por convites. Onde é lógico concluir, que a vocação é um dote divino, que todos nós temos, mas não igual em todos. Uns são sacerdotes, outros médicos, outros advogados, etc., etc.. Nem todos aspiram naturalmente a serem sacerdotes, médicos, operários, etc..

Aqui esta razão da hierarquia dos valores sociais. É bem manifesto que uns são mais inteligentes que outros; que uns têm mais engenho para negócios e conseqüentemente para a riqueza; outros sendo providos de um bom relancear de vista, têm mais inclinação para mandar; outros não têm habilidade para espereitar um futuro risonho e alegre, etc.

Aqui a necessidade de haver superiores e inferiores, governantes e súbditos, ricos e pobres. Se recorrermos à história, vemos que a riqueza foi, em todos os tempos, o lema que dominou a todas as gerações. Obter bens é o que

todos procuram e para que dirigem todos os esforços. Já Isaac teve inimigos que o expatriaram, por possuir enormes rebanhos. Que o homem necessita de bens, é evidente. Mário Gonçalves Viana, na sua obra — Psicologia do dinheiro — descreve a necessidade de propriedade no homem: «O homem precisa de um certo lugar na terra firme, ao menos para colocar os pés. Precisa de um espaço maior para se deitar, maior ainda para construir uma casa e um pouco mais vasto para semear o seu trigo ou apacentar o seu rebanho». É pela ideia de obter riquezas que o homem atinge os maiores heroísmos e os mais nefastos crimes. Se no homem não houvesse tal inclinação para a riqueza, com certeza, que o desenvolver dos acontecimentos, seria muito mais vagaroso. Haveria acaso quem se sacrificasse pela humanidade, se não tivesse em si esta inclinação natural? Haveria quem se sacrificasse pela sociedade, senão tivesse em vista o fim de obter riqueza? O dinheiro considerado em si, não é a felicidade como muitos pensam, mas, usado entre os devidos limites, pode favorecê-la. Assim o diz o Eclesiástico — aquele que usa de misericórdia, empresta a juro a seu próximo; e aquele que tem mão generosa, guarda os mandamentos. O homem não deve condenar a riqueza, desprezando-a, mas usar dela com inteligência e coração.

Mário G. Viana, diz — «Por isso o rico por maior que seja, se não faz da riqueza o fim da sua vida, mas aproveita-a como meio para atingir tal fim, pondo-a ao serviço de Deus e do próximo; se usa dela, em conformidade com as obrigações por um ofício a desempenhar, uma função a exercer ou por um encargo de família que tem de sustentar, educar e instruir, habilitando a caminhar na vida honrosamente, se usa da riqueza com moderação empregando-a para o bem de que ela pode ser instrumento, repartindo o superfluo pelos que vivem com necessidades, este rico é autenticamente, um pobre em espírito, o pobre de coração de que fala S. Mateus — renovando o pensamento de Jesus — tem a virtude da pobreza, porque não tem o seu coração onde tem o seu tesouro». Não é o dinheiro que flagela a esta pobre humanidade, mas sim, o seu mau uso, a sua má orientação, desviando-o para fins condenáveis. O mal está no seu possuidor, porque é desumano, ambicioso e egoísta.

Coelho Neto formulou uma vez esta pergunta: «porque há fome?» respondendo ele mesmo «porque campeia a usura». Mas o erro não é apenas dos ricos, é de todos como nos mostra claramente Mário G. Viana. Todos têm culpas grandes, cada um em seu sector. Muitos ricos de hoje, foram os pobres de ontem. E às vezes, são estes mesmos novos ricos, os mais insolentes, os mais exploradores. São estes cruéis novos ricos, aqueles que mais nos exploram e mais exigem dos seus concidadãos de ontem. Ainda na véspera eram seus colegas de miséria, hoje são os seus algozes.

É um facto bem demonstrado, que é o egoísmo que perde o mundo, o orgulho que o perverte, a ambição que o leva às trevas, o ódio que o aniquila.

Não acusemos o dinheiro mas sim quem o usa.

(Continua)

FUNERAL

Realizou-se no passado dia 4 o funeral de Domingos da Silva Vieira, que deixa viúva Teresa Fernandes de Carvalho.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Homenagem aos Benfeitores do Sa

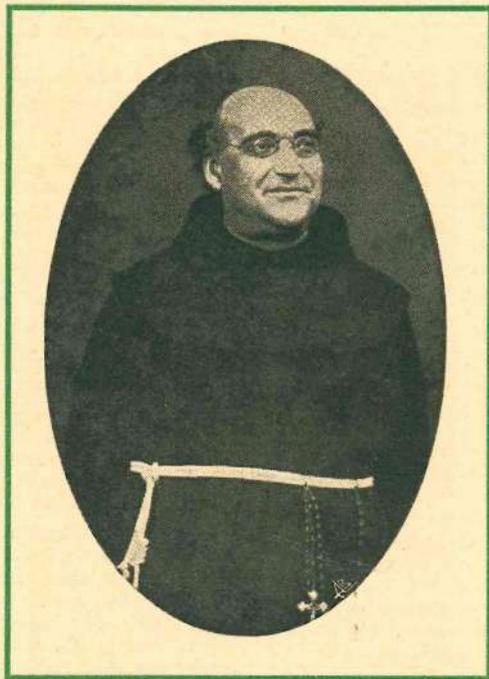
Reverendo Padre Bartolomeu Ribeiro

Pela vigésima quinta vez, dignou-se estar presente às solenidades do dia 15 de Agosto, no Santuário de N. S. Aparecida de Balugães o Rev. Frei Bartolomeu Ribeiro.

Pela vigésima quinta vez veio mostrar quanto de dedicação e amor guarda dentro da sua alma, alma grande, alma de apóstolo, pelo Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Trinta anos são passados sobre aquele primeiro dia que Balugães teve a subida honra de receber, como luz enviada lá do Alto, o Rev. Frei Bartolomeu, e sua voz pausada, prudente e sábia. Desde então ele jamais esqueceu Balugães e a Senhora Aparecida; desinteressadamente, não se poupando a desmedidas canseiras e sacrifícios incalculáveis, começa a trabalhar para reacender a mecha de fé, ainda fumegante em volta do santuário do Monte Castro, santuário de tão belas e lindas tradições.

Assim, vindo lá do retiro do claustro, Frei Bartolomeu começou a dissipar a bruma da enfermidade que anunciava o advento próximo da morte, advento que era cantado pelos inimigos do milagre, conscientes uns, ignorantes outros, pelos devotos do interesse material e pelos arraiais profanos à volta das pipas de vinho. Mas tudo isto acabou.



De lugar de ruído que era, está transformado em lugar de recolhimento, de oração, mansão de amor e refúgio dos pecadores.

Lembremos o P.^o Bartolomeu Ribeiro, do seu valor, do seu trabalho ao contemplarmos as magnificas jornadas de fé, e ao ouvir os acordes entusiásticos dos cânticos entoados por milhares de peregrinos que de longe e de perto vêm prestar a sua

D. Maria Eugénia de Abreu C. de Amorim Novais

A gratidão é um dever de justiça. Reconhecer o bem que nos fazem, é para nós um dever imperioso. Quem agradece, paga uma dívida.

Se Balugães se pode orgulhar de possuir uma linda residência paroquial, tem de o agradecer à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Eugénia de Abreu do Couto de Amorim Novais.

Foi ela quem doou à Corporação Fabriqueira o terreno onde foi construída, como era seu desejo



escrito, a nova residência paroquial, padrão que há-de testemunhar aos vindouros, a fé deste bom povo e a generosidade daquela bondosa senhora, que Deus quis chamar à sua eterna glória.

Que Deus lhe tenha dado a coroa da Eterna Glória.

homenagem de carinho, de piedade, de fé e penitência à Senhora Aparecida, pedindo-lhe perdão do passado e implorando luz e graças para o futuro.

O Jornal «Ecos do Santuário de N. Senhora Aparecida» saúda e apresenta as suas mais respeitadas homenagens ao Rev. P.^o Frei Bartolomeu pela sua vigésima quinta vez que nos dá a honra da sua presença neste Templo Sagrado, e agradece a dedicação e amor que sempre dispensou a este Santuário e os trabalhos, valiosos trabalhos, para uma maior expansão e santificação deste lugar da Mãe de Deus.

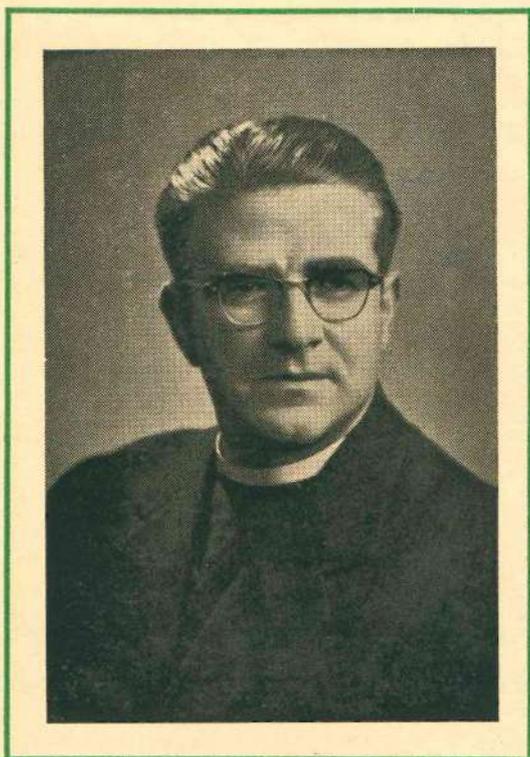
Tem a honra de o apresentar aos seus leitores como exemplo. Exemplo que jamais, todos quantos se interessaram pelo Santuário de N. Senhora Aparecida e pela difusão do culto de Maria Santíssima para a santificação das almas, podem esquecer.

Santuário de Nossa Senhora Aparecida

Reverendo Padre Benjamim Salgado

Um dos grandes benfeitores do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, é o Rev. P.^o Benjamim Salgado. É de sua autoria, o hino de Nossa Senhora Aparecida, que os romeiros tanto gostam de cantar.

P.^o Benjamim Salgado, nasceu em Joane, em 8 de Maio de 1916. Aluno distinto do Seminário Diocesano de Braga, uma vez ordenado sacerdote foi muito justamente nomeado professor daquele estabelecimento de formação.



Revelou-se muito cedo como orador sagrado de largos recursos, sendo hoje contado entre os melhores e mais prestigiosos oradores do Norte do País. Ao fim de 11 anos de professorado, foi escolhido para pastorear a freguesia de Antas, em Esposende. Aí tornou-se um dos mais íntimos amigos e mais assíduos admiradores do glorioso cantor da nossa terra, António Correia de Oliveira e dedicou-se com afinco ao estudo pormenorizado da obra do Poeta, tendo já publicados: um ensaio sobre a «Poesia Mariana na obra de Correia de Oliveira» e o estudo «Era uma vez um Poeta».

Outra faceta, da sua actividade artística, é a sua arte pela música. A música sacra, está rica de composições cheias de espírito e sentimentos que todos admiram, da sua autoria. As bibliotecas musicais estão constantemente a ser enriquecidas com as suas composições.

Ao Rev. P.^o Benjamim Salgado que enriqueceu este Santuário, compondo o hino de Nossa Senhora Aparecida, e de quem tantas músicas dedicadas à Senhora Aparecida há a esperar, a confraria de Nossa Senhora Aparecida e seus romeiros, estão muito reconhecidos.

Reverendo Padre Miguel António da Rosa

Muito deve o bom povo de Balugães, ao Reverendo Padre Miguel António da Rosa, que Deus se dignou chamar a seu eterno descanso.



Coração transbordando caridade, sempre solícito em socorrer as misérias alheias.

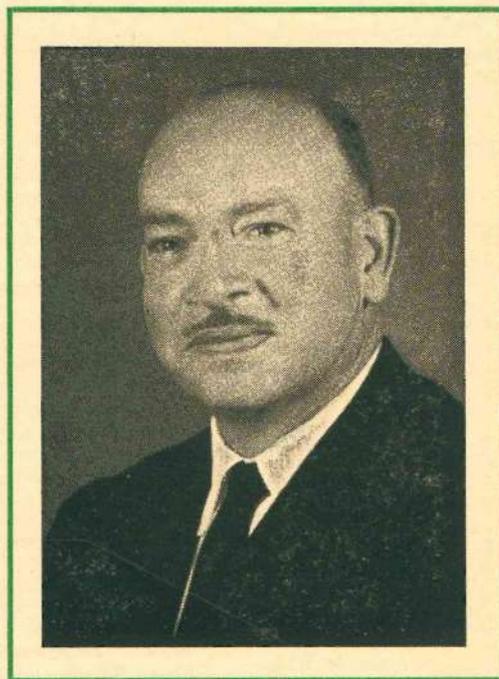
São inumeráveis os seus beneficiados. Grande devoto de Nossa Senhora Aparecida, nunca se esqueceu de atender às necessidades porque passa o seu santuário.

Não houve obra que se realizasse neste templo, que aquele bondoso sacerdote, não participasse com sua avultada esmola.

Pouco antes de entregar a alma a Deus manifestou ele a sua generosidade, contribuindo para a construção da nova residência paroquial, com três pinheiros no valor de 2.000\$00.

Que Nossa Senhora Aparecida o tenha abençoado e premiado no reino da Eterna Glória.

Ex.^{mo} Sr. Manuel da Cunha Arantes



Entre os amigos do Santuário de N. Senhora Aparecida encontra-se o Ex.^{mo} Sr. Manuel da Cunha Arantes, oriundo desta freguesia, que apesar da ausência há muitos anos da sua terra natal, nunca esqueceu N. S. Aparecida e seu Santuário, para o qual como testemunho da sua dedicação e amor ofereceu 2 pára-raios há pouco inaugurados por Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz.

Senhora Aparecida de Balugães

CAP. VI

Cooperação e nunca exploração

(Continuação)

Para que a reaparição da Senhora Aparecida seja possível, e suscite nas almas aquele fervor religioso de que foi teatro a capela da aparição, durante os primeiros cinquenta anos posteriores ao milagre ali realizado, urge varrer o terreiro da Senhora, de tudo o que seja profano — e é profano tudo o que não é religioso — é necessário escorraçar dali os romeiros folgazões, e correr com os crentes pagãos, para dar lugar aos peregrinos devotos, aos crentes cristãos.

Esta limpeza exige uma acção persistente, mas silenciosa, pacífica, educada — os berros afugentam, os empurrões ferem — uma acção forte mas suave como o actuar divino que vivifica e não mata, progride sem barulho nem espantos. As violências originam disputas e aversões, estas a desordem e ambas a dispersão de forças, a ruína das instituições que pretendemos reformar.

Não é necessário acabar com a romaria da Senhora Aparecida, seria inutilizar um caminho já trilhado para abrir outro, seria afugentar almas, para converter num deserto o lugar da aparição: basta, mas é necessário, converter a romaria dos tempos modernos em peregrinação de almas religiosas, pelos meios atrás sugeridos, praticados com a perseverança e a suavidade que são próprias do amor sobrenatural.

A Senhora Aparecida de Balugães tem muitos amigos nas paróquias dos concelhos de Barcelos, Braga, Ponte de Lima, Viana do Castelo e Paredes de Coura, pois sejam estes amigos da Senhora os que se encarreguem de limpar o lugar que ela santificou com a sua presença, de toda a imundície e sugidade, que os romarinhos foliões ali acumularam. O seu exemplo na maneira religiosa de se apresentarem naquele lugar santo, os seus avisos e propaganda entre os vizinhos nos dias anteriores à peregrinação de Balugães, e no caminho, é o meio mais eficaz para a reforma que todos os amigos da Senhora desejam introduzir.

Porque será que Nossa Senhora do Rosário de Fátima atrai à Cova da Iria mais de um milhão de almas durante o ano?

Porque ali não vão romeiros, vão peregrinos, porque aquelas reuniões mensais não são romarias de foliões, são peregrinações de devotos.

Para conservar sempre este carácter o zeloso e previdente Prelado de Leiria publicou em 13 de Junho de 1925, as seguintes instruções que reproduzimos aqui para apreensão dos romeiros de Balugães. Basta mudar a palavra Fátima pela de Balugães para os peregrinos da Senhora Aparecida compreenderem a lição:

1) As peregrinações a Nossa Senhora do Rosário de Fátima devem conservar o seu carácter primitivo de piedade, penitência e caridade. Vai-se a Fátima para orar, fazer mortificação e pedir à Virgem Santíssima a saúde espiritual e física dos doentes da alma e corpo que ali acodem, de cada vez em maior número, a implorar aquela que é a — Saúde dos Enfermos.

2) Sempre, mas especialmente pelo caminho, e na Cova da Iria, os peregrinos

Hino de N. Senhora Aparecida de Balugães

Por P. Cunha Portugal

Povo — Avé Senhora Apar'cida,
Astro bendito de luz!
Enlevo da minha vida:
Leva-me ao Céu, por Jesus.
— Ob! Senhora Aparecida!

Côro — Ó Senhora lá da altura,
Que ao monte Castro veste
P'ra adoçar toda a amargura!
Deixa a minha voz agreste
Cantar a tua ternura.

Bendita sejas, Senhora,
Que falaste ao Pastorinho,
Envolta na luz da aurora!
Ai! Quem me dera o carinho
Desse Vidente, Senhora!

Quem me dera a melodia
Do menino imaculado
Que Te viu, naquele dia...
E, em querubim transformado
Cantar-Te sempre, ó Maria!

Minha vida seja um canto
Das notas do teu sorriso!
E as estrelas do teu manto
Me guiem ao paraíso
Do teu amor sacrossanto.

A aparição de Balugães

(Cont da página 8)

que devem vir confessados de suas paróquias.

Lembramos também que não são permitidos neste lugar sagrado, divertimento de espécie alguma, exigindo-se o o máximo respeito, assim como, não serão permitidos namoros e será vedada a entrada a todas as pessoas que se não apresentem decentemente vestidas.

No dia 14 será prestada uma homenagem ao grande Apóstolo da Aparecida, Rev. P.^e Bartolomeu Ribeiro, sendo descerrada a sua fotografia que ficará a perpetuar aos vindouros, lembrando-lhes quem foi o obreiro a quem se deve a recristianização da devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Tudo por Maria.

nos devem ajudar-se mutuamente, orar uns pelos outros e conservarem-se com o máximo respeito e recolhimento durante os actos religiosos.

3) O recinto murado deve considerar-se com um templo durante as peregrinações. Os peregrinos abstenham-se de conversas, e quando precisem de falar, seja em voz baixa.

Vida Escolar

A Ex.^{ma} Snr.^a Professora D. Delfina Pinheiro Lima, viu coroado de êxito todo o seu trabalho com a aprovação dos alunos que apresentou a exame, cuja lista se segue:

Nomes dos alunos que fizeram exame da 3.^a classe:

Meninas: Antónia Maria Mesquita da Cunha, Balbina Bouças Fernandes, Deolinda Miranda Neiva, Gracinda Carvalhosa Pereira, Mariana Fernandes de Sousa, Maria Pires Fernandes Grilo, Maria da Conceição Miranda da Silva, Teresa de Jesus Lima Mesquita e Rosa Vieira Carvalhosa.

Meninos: Cândido Machado Ferreira, Fernando Lopes Martins, Joaquim Pires Neto, João da Silva Freitas, Manuel Maria da Costa Barros, Manuel Fernandes Tristão.

Todos estes alunos ficaram aprovados.

RELIGIÃO E REVELAÇÃO

Das civilizações mais antigas, como Egípcia, Síria, Babilónica e Pérsica, ou do Extremo Oriente, como Índia e China, verificamos que todos estes povos tiveram a sua religião.

Até mesmo, entre os povos pré-históricos encontramos o culto religioso.

Com efeito, as recentes descobertas arqueológicas, trouxeram-nos ao conhecimento a existência de objectos sagrados, muito semelhantes aos que ainda hoje as tribos selvagens utilizam, no seu culto religioso.

A ideia de Deus e da eternidade, parece presidir a todos os actos da sua vida. Para chegarmos a esta conclusão, basta considerarmos os seus grandiosos templos e túmulos.

Se Roi, que se dedicou ao estudo das religiões, vivendo vários anos entre as tribos selvagens da África, pôde observar que todos esses selvagens admitiam a crença num mundo invisível; a crença no ente superior, criador e organizador; a crença na alma humana distinta do corpo; o sentimento moral baseado no bem e no mal; o sentimento do pudor, da justiça e liberdade. Observou ainda, uma organização cultural, com cerimónias, preces e sacrifícios.

De tudo isto, podemos concluir que a cada homem está inerente a obrigação moral de professar uma religião, para atingir o seu fim último, que é a felicidade eterna.

Uma vez conhecida a verdadeira religião, necessário é estudá-la, obedecer

aos seus preceitos e praticar os seus ensinamentos.

Só a religião desvenda o mistério da nossa existência e só por Ela ficamos a saber, que Deus nos pôs no mundo para o conhecermos, amarmos e servirmos.

Sem religião não pode haver virtude.

Resta então, investigar qual é essa verdadeira religião!

Para abrir caminho, a esta investigação teremos que examinar:

Poder-se-ia conhecer a verdadeira religião sem a revelação?

Não. Sem a revelação, o género humano ficaria sepultado nas trevas da ignorância, porque a razão humana, só por si, dificilmente poderia atingir tais verdades.

Por isso, Deus na sua infinita bondade e sabedoria, providenciou em revelar ao homem mesmo as verdades naturais, para que todos pudessem facilmente participar do conhecimento Divino, sem receio algum de erro.

Sem a revelação, o homem não poderia alcançar o fim para que foi criado; necessário se torna, que comece já nesta vida a dispor-se para o mesmo, disposição esta, que é de algum modo, uma participação dessa felicidade.

Prova-se até por argumentos tirados da História dos povos, que nenhum povo, faltando-lhe a luz da revelação, ordenara rectamente a sua vida para Deus nem evitaria a queda em erros gravíssimos, acerca das coisas religiosas.

Até mesmo, os filósofos antigos e modernos não conseguiram remediar esses erros.

Por outro lado, sabemos que há várias religiões, como budismo, maometismo, etc. Poderemos afirmar que todas são boas? De maneira alguma. Embora em qualquer religião, se encontre alguma coisa de verdadeiro e de honesto, é todavia falso, que todas sejam igualmente verdadeiras. É evidente, que a uma só deve ser de origem divina, porque Deus infinitivamente sábio e bom, não pode ensinar doutrinas contrárias.

Haverá meio de conhecer a verdadeira religião e distingui-la das falsas?

A doutrina ensinada por Jesus Cristo no sermão da Montanha, resume toda a moral cristã e só Nela, o homem pode encontrar resposta a todos os desejos de felicidade e todos os problemas que preocupam o homem como:

—A existência, a origem do mundo, a imortalidade e espiritualidade da alma e o seu fim último.

Com efeito, a religião cristã apresenta uma resposta a todos estes problemas. Ensina-nos, que a causa suprema de todas as coisas é Deus, criador do céu e da terra, infinito em todas as perfeições.

Só Ele, pela sua bondade e virtude omnipotente, tirou do nada tudo quanto existe e tudo depende da sua admirável providência. E quanto à origem e natureza, ensina-nos, que todos recebemos origem dum pai comum e somos constituídos de alma e corpo.

Temos realmente de notar, que uma vez conhecidas, nos dizem onde está a verdadeira religião. Só na religião cristã encontramos milagres.

Esta doutrina, que é substancialmente a mesma, que a Santa Igreja conserva e fielmente ensina, satisfaz plenamente as legítimas aspirações da Alma humana, o que não acontece com as outras religiões.

Ora, se somente a religião cristã é capaz de responder primorosamente às aspirações da inteligência e da vontade

O nosso Cantinho

Por A. L. M.

Bacalhau de Caldeirada

O bacalhau, depois depois de demolido corta-se em quadrados tirando as espinhas e as peles. No fundo da caçarola, põe-se uma camada de rodas de cebola, em cima tomates, o bacalhau, rodela de batatas cruas, queijo ralado com pimenta, salsa loura, um pouco de açafrão em pó, uma boa porção de azeite e novamente cebola e tomate com de princípio.

Tapa-se a caçarola e vai a ferver ao lume brando, até as batatas estarem cozidas. Deita-se então, uma boa colher de manteiga e ferve por uns 5 minutos. Serve-se bem quente.

Brioche Instantâneas

Batem-se 2 ovos como para a omelete, juntar batendo sempre 9 colheres de farinha de trigo, 125 grs. de manteiga derretida e 2 colheres cheias de açúcar uma pitada de sal, 3 colheres de leite, uma colher de fermento. Dá-se-lhe o feitura numa coroa e vai ao forno bem quente, por uns 20 minutos.

Economia Doméstica

A seda artificial não se deve tingir, por que tal tipo de fazenda, não aceita a cor, manchando com maior facilidade.

As manchas de lama nas gabardines, tiram-se com vinagre branco, um pouco morno.

Aprenda por favor

A lealdade e a forma correcta da convivência, são predicados que enaltecem as pessoas e as cativam pela estima.

Devemos ser tolerantes com tudo e com todos.

PENSAMENTO

Não há maior desorientação de espírito do que convenceremo-nos de que as coisas existem por que queremos que elas existam.

Bousset

PARA RIR

Num exame de medicina:

—Suponha o Snr. Fernandes que os músculos da perna esquerda do seu doente, começaram a contrair-se de maneira a ele coxear.

Que faria o senhor nesse caso?!

—Em tal caso, coxearia também.

humana, é porque esta doutrina é divina e portanto a única verdadeira.

Seria indigno de Deus, amar o homem e não lhe dar as verdades que ele carece para alcançar o seu fim último.

Além disso, a doutrina cristã, acomoda-se a todas as inteligências: ao sábio, ao ignorante, ao homem da ciência e ao humilde. É esta, que dá à nossa vontade, uma norma de agir e seguir por onde devemos; encontramos a consolação nas desventuras e o auxílio para melhor cumprimento do nosso dever, assegurando-nos o prémio e a felicidade na vida eterna.

A. L. M.

ACTIVIDADES ESCUTISTAS

(Cont. da pág. 3)

Oliveira Vieira. Tiveram por madrinhas as meninas Teresa Martins Rosas e Catarina Martins Rosas. Exploradores João F. Teixeira e José Morense Pereira. Foram madrinhas as meninas Leonilde Machado da Cunha Arantes e Maria Beatriz F. Capela Borges, Manuel Fernandes Machado e António Lopes Martins, madrinhas as meninas Inocência P. de Miranda e Teresa F. de Sousa; António Oliveira Vieira e Candido P. Machado, madrinhas D. Olinda Fernandes e D. Maria da Costa Rosa; Cândido Oliveira Carvalhosa e Fernando Miranda Barbosa, madrinhas as meninas Francisca da Silva Freitas e Maria Miranda da Silva; Nuno Alves V. da Silva e João da Silva Freitas, madrinhas D. M. Eugénia Miranda da Silva e Maria Miranda da Silva.

Todas estas cerimónias decorreram com o brilho que a promessa escutista exige. No fim foram tiradas diversas fotografias ao grupo formado pelo Assistente, Chefes, Escutas e Madrinhas.

No dia 25 de Julho tomamos parte no 2.º Camporee, do qual saímos bem classificados. Assim vamos procurando cumprir os nossos deveres de bons escutas, bons católicos e bons cidadãos.

Ainda temos nos nossos ouvidos as palavras que S. S. Pio XII proferiu ao nosso chefe nacional:

O escutismo está-me no coração.

Para estarmos num coração puro como o é o de S. Santidade precisamos de ter aquela pureza que é exigida a um bom escuteiro.

Avante pois por um grupo melhor.

Sempre Alerta

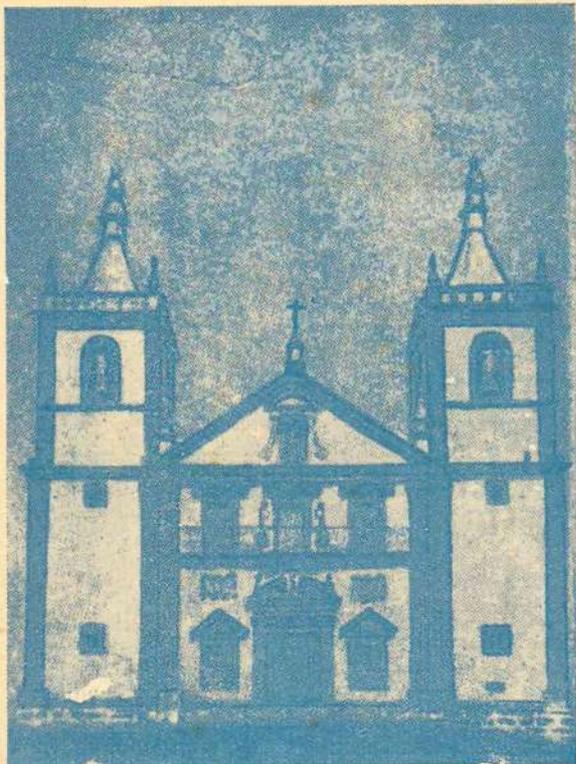
A aparição de Balugães

FOI numa quente tarde de Agosto de 1702. Sob um sol abrasador, João Mudo apascentava o seu rebanho no monte Castro de Balugães. De repente, o Céu, de sol abrasador, se transforma em forte trovoadá, e João, cheio de medo, sem ter tempo de reunir o espavorido rebanho, foi procurar abrigo debaixo de um penedo. Foi com estes preparativos que envolta de luz suave, lhe apareceu a Virgem, perguntando-lhe a razão do seu medo. E aquele mancebo, que além de ser demente, pois tinha 20 anos e nem sequer sabia fazer o Sinal da Cruz nem rezar o Pai-Nosso, era surdo e mudo, sente desprender-se-lhe de repente a língua e responde que chorava de susto. Anima-o, a Virgem e diz-lhe que vá prevenir o pai, de que era seu desejo que ele lhe construísse ali uma ermida.

Foi com a restituição das faculdades mentais, fala e ouvido, que Nossa Senhora testemunhou a sua Aparição no Monte Crasto de Balugães. Este acontecimento não impressionou o pai do vidente, o qual, não quis acreditar e não deu aceitação ao caso nem à mensagem que o vidente levava — a construção de uma ermida naquele lugar.

Só passados dois anos, é que o pai, não podendo resistir aos prodígios operados por intermédio da Virgem Aparecida, como o aparecimento de pão no forno de sua casa, construiu a capelinha hoje dedicada ao Senhor dos Passos.

Aqui se deslocou Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, que ao inteirar-se da verdade, ouvindo o próprio vidente, o elevou à dignidade de ermitão de Nossa Senhora



Santuário de Nossa Senhora Aparecida

Aparecida e mandou levantar este majestoso Santuário, de que a gravura junto nos dá uma pálida ideia. É um verdadeiro monumento a testemunhar aos descrentes, que a Virgem Maria, Mãe de Deus e Nossa Mãe, descendo do Céu à terra escolheu este cantinho abençoado por Si para Sua honra e Glória.

Todos os anos milhares de peregrinos ali se deslocam no dia 15 de Agosto a tomar parte na grandiosa peregrinação. É já no próximo dia 6, que tem início, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida a novena preparatória para a grande peregrinação, que subirá esta encosta sagrada no dia 15.

É uma verdadeira romagem de fé, piedade e oração. E aqui vemos, lá de tão longe, alguns, para o início das novenas, passando estas já a pão e água. Os de Paredes de Coura, atravessando as montanhas que nos separam, aqui vêm buscar a fortaleza que os há-de animar todo o ano. Todo o Minho aqui estará concentrado para assistir com verdadeiro espírito de penitência, às homenagens que vão ser prestadas à Senhora Aparecida.

Terão este ano um brilho extraordinário todas estas cerimónias que terminarão com a Grandiosa Peregrinação, à qual se digna presidir Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar D. Francisco Maria da Silva.

PROGRAMA

Do dia 6 a 14 às 18,30, haverá novena preparatória com Missa Vespertina, terço e sermão pregado pelo Rev. Dr. Miguel Baptista Pereira e bênção do Santíssimo Sacramento.

NOTA — No dia 10, domingo, estas cerimónias terão início às 17 horas.

No dia 13, terá início à hora indicada, o Sagrado Lausperene que terminará no dia 14 à mesma hora com Missa-Solene, Sermão, Te-Deum e Procissão Eucarística.

Às 23 horas do dia 14 sairá a Majestosa procissão de velas que percorrerá o itinerário costumeiro, finda a qual, o Santíssimo Sacramento será solenemente exposto, que terminará às 4 horas do dia 15, com missa e comunhão geral distribuída por diversos sacerdotes.

Finda esta, outras missas se seguirão até à hora da peregrinação, que sairá às 10,30 horas do largo de S. Bento, onde se concentrarão todas as paróquias com seus organismos e confrarias.

À chegada ao recinto sagrado haverá Missa Campal, homilia aos peregrinos e a tão tocante cerimónia do adeus à Virgem.

Às 16 horas haverá no Santuário uma hora de Adoração, terminando deste modo tão solene, esta romagem de fé e piedade.

NOTA — Nos dias 13 e 14 haverá diversos confesores no Santuário para servirem de confissão todos os penitentes que o desejarem.

Em virtude da grande dificuldade de se conseguirem confesores no dia 15 de manhã, lembramos aos peregrinos